

MULHERES PALMEIRENSES: PRÁTICAS TORCEDORAS E FORMAS DE RESISTÊNCIA ENTRE OS DIFERENTES ESPAÇOS DO TORCER

Maria Luiza Vilella¹

RESUMO: O presente artigo – fruto de uma pesquisa de iniciação científica (CNPq) - buscou compreender e contemplar a riqueza de um universo ainda pouco valorizado e muito subestimado, analisando as formas de existir e resistir das mulheres em torno do esporte que é símbolo de identidade e paixão nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Allianz Parque; arquibancadas virtuais; mulheres palmeirenses; Palmeiras; práticas torcedoras.

PALMEIRENSE WOMEN: SUPPORTING PRACTICES AND FORMS OF RESISTANCE BETWEEN THE DIFFERENT SPACES OF THE SUPOT

ABSTRACT: The present article - the result of a scientific initiation research (CNPq) - sought to understand and contemplate the richness of a universe that is still undervalued and very underestimated, analyzing the ways women exist and resist around the sport that is a symbol of identity. and national passion.

KEYWORDS: Allianz Parque; virtual bleachers; Palmeiras women; Palmeiras; fan practices.



¹ Graduanda em Ciências Sociais pela PUC-SP.

INTRODUÇÃO

A forma como Walter Benjamin trata diversas temáticas possibilita leitura comparativa produções literárias, de modo que a escolha dos textos analisados se dá por predileção, contudo embasada o exercício crédito do filósofo. Partindo de suas reflexões sobre a obra de Leskov, no texto intitulado “O Narrador”, em comparação com a literatura de Destoiévski, ocorrem desdobramentos acerca de outros escritos do Benjamin.

Este projeto consistia inicialmente em uma etnografia das práticas torcedoras de mulheres frequentadoras do Allianz Parque. Desta forma, por meio de entrevistas a torcedoras e da minha observação participante nos jogos da Sociedade Esportiva Palmeiras, levaria a cabo este estudo etnográfico. O relatório final da iniciação científica foi entregue em outubro de 2021, em meio à pandemia do Covid-19, um cenário onde desde abril de 2020 a pesquisa de campo era inviável, pois mesmo com a volta dos campeonatos nacionais, a presença de público se manteve proibida até o final da vigência da bolsa. Com a então necessidade de adaptar o objeto e a metodologia de pesquisa, utilizei como objeto aquilo que chamei de arquivancadas virtuais, e de uma perspectiva etnográfica a pesquisa se desenvolveu por meio de uma imersão no universo das redes, com foco em grupos de WhatsApp e Facebook. Ao mesmo tempo, a pesquisa situou-se em uma perspectiva, por assim dizer, histórica, buscando, seja por meio de entrevistas, seja por meio de questionários, reconstituir a experiência das torcedoras que frequentavam – e frequentam, hoje, no pós isolamento social – os estádios pertencentes e ocupados pela Sociedade Esportiva Palmeiras, em especial o Allianz Parque. Na medida do possível, tentou-se, se não definir com precisão, o que estava fora do alcance da pesquisa, ao menos indicar pistas a respeito do perfil étnico-racial e socioeconômico das torcedoras da arena palmeirense, e indicar como as práticas torcedoras dessas mulheres



foram influenciadas com a construção do Allianz Parque e todas as mudanças que o processo de arenização – que será explicado mais adiante – trouxe para a vida das torcedoras palmeirenses.

Como torcedora do Palmeiras, acompanhei as mudanças que ocorreram no clube desde o final da década de 2000, com a reforma do Palestra Itália, que originou o novo Allianz Parque, atual casa do time da zona oeste paulistana. Aprendi futebol nas arquibancadas atrás do gol norte palestrino, junto à massa alviverde que regia a torcida a partir de batuques, cantos e coreografias, e junto de meu pai e irmã mais velha. No meio das torcidas organizadas, me recordo vividamente dos cheiros, gostos, sons, do sol, do frio, das chuvas e dos tremores que sentia nas arquibancadas de cimento. Neste lugar, entendi o que é futebol antes de entender o que é ser mulher – principalmente o que é ser mulher no universo do futebol. Hoje, já adulta, vejo o número de mulheres torcedoras presentes nas arquibancadas aumentar significativamente, e apesar de não ter encontrado pesquisas que numericamente confirmem isso – o que, de cara, já acusa uma grande falta de estudos na academia sobre a temática que me propus a pesquisar –, diversas mulheres que estão e estiveram presentes nos espaços do torcer nas últimas duas décadas confirmam esse aumento expressivo. E foi atrás destas mulheres que busquei ir atrás para ouvir suas histórias e memórias nas arquibancadas, para entender os processos de construção de suas identidades torcedoras em meio a tantas adversidades enfrentadas por mulheres que desafiam a ordem cis-heteronormativa presente no meio futebolístico, que delimita, em diversas instâncias, quais os corpos e subjetividades que são permitidos neste lugar.

Com a inauguração do Allianz Parque, em 2014, muita coisa mudou na vida do torcedor que frequenta os jogos, inclusive o preço do ingresso, que aumentou muito graças à nova fase vivida pelo clube desde a gestão do ex-presidente Paulo Nobre (2013-2016), período marcado, sobretudo, pela



inauguração de um dos estádios mais modernos do país no lugar do velho Palestra Itália, que foi quase totalmente demolido para abrir espaço para a nova arena. Não só dentro dos limites do estádio, mas fora também, o espaço tornou-se menos acessível ao público menos elitizado, graças ao cerco da Rua Palestra Itália onde fica a entrada principal do estádio e onde a festa da torcida na rua é sempre muito marcante nos dias de jogos decisivos e após vitórias importantes para o Palmeiras. Com o cerco, apenas pessoas que compraram ingresso para o jogo no setor específico daquela entrada – ou que moram no local interditado – podem entrar, de acordo com a Polícia Militar, impedindo que pessoas que não conseguiram ingresso participem da festa com a torcida.

De volta aos limites do Allianz Parque, foi graças a outro novo elemento introduzido no universo da torcida alviverde que a ideia inicial deste estudo surgiu: as “cheerleaders do verdão”. As cheerleaders, ou líderes de torcida, do Palmeiras são muito semelhantes às líderes de torcida da cultura esportiva norte-americana, que animam a torcida com movimentos acrobáticos, danças e uniformes e “pompons” combinados com as cores do time durante os jogos. No estádio, pude presenciar muitos assédios direcionados às cheerleaders por parte dos torcedores nas arquibancadas. Todos os jogos eu torcia para que elas não viessem, para que os assédios não se repetissem, pois me sentia muito constrangida e invadida ao ouvir os gritos e assovios machistas dos torcedores. Olhares enfurecidos aos assediadores eram o máximo que eu e algumas mulheres que estavam nas proximidades nos permitíamos como reação, e, às vezes, deixava algumas cotoveladas “acidentais” em momentos de gol ou durante as coreografias dos cantos da Mancha Alvi Verde, principal torcida organizada do Palmeiras, que entoávamos todos muito empolgados, como era de costume nos setores em que eu estava acostumada a assistir aos jogos.



O machismo e a sensação de impotência em situações de perigo sempre se mostraram muito presentes na minha vida como torcedora. Quando decidi estudar mulheres torcedoras palmeirenses, mulheres que considero como minhas iguais, também tinha como motivação entender se as minhas sensações como torcedora eram as mesmas ou, pelo menos, semelhantes às de outras torcedoras do Palmeiras que frequentavam aqueles mesmos espaços que eu frequentava desde tão cedo na vida.

A ARENIZAÇÃO E O AUMENTO DA PRESENÇA FEMININA NOS ESTÁDIOS

Além do avanço nas lutas feministas nas últimas duas décadas (VILELLA, 2021), muitos atribuem os movimentos de modernização dos estádios adotados pelos clubes brasileiros ao aumento da presença feminina nas arquibancadas. Nesta lógica, as mulheres se sentem mais seguras e mais atraídas a frequentarem as arquibancadas – ou cadeiras numeradas, que sistematicamente substituíram as antigas arquibancadas de cimento em estádios de muitos dos maiores clubes brasileiros. Diversos eventos e fatores pode explicar o fenômeno das arenas modernas no Brasil. A preocupação com a ordem, a criminalização das torcidas organizadas e os discursos em prol da segurança e da família nos espaços do torcer, e a influência de políticas neoliberais no campo desportivo desembocam no fenômeno da elitização do futebol brasileiro, e na substituição dos estádios comuns por grandes arenas, como aconteceu com o Allianz Parque e com a Neoquímica Arena, atual estádio do Corinthians (RAMPAZZO, 2020). Com essas mudanças, o público presente nos estádios se transforma e se faz cada vez mais branco, rico e elitizado, uma vez que o preço dos ingressos também acompanha as mudanças arquitetônicas e estruturais dos clubes que adotaram os projetos das arenas modernas. (MANDELLI, 2018).



O advento das novas arenas brasileiras faz parte de um projeto de transformação do futebol em negócio. As arenas, com seu conforto e tecnologia a serviço do torcedor, são projetadas em padrão internacional, atendendo a demandas da FIFA², fazendo do jogo de futebol um grande espetáculo a ser assistido em cadeiras acolchoadas e enormes telões de LED. Nesse lugar, além de maior fiscalização e controle do clube sobre tudo o que acontece durante o evento esportivo, a espontaneidade e até o caráter político e militante das torcidas organizadas se dissipam ou se tornam inviáveis. Nesse sentido, as práticas torcedoras ressignificam suas formas de existir em um espaço caracterizado pelo controle, e pela individualização do torcedor, que, pouco a pouco, perde sua liberdade de expressão e suas formas históricas de torcer. A arena se torna o lugar ideal para o reino da paz e da pacificação das torcidas, concretizando o projeto de tornar o estádio um ambiente familiar.

No caso do Allianz Parque, conforme as observações realizadas antes da pandemia, o Palmeiras adotou diversos elementos que tornam os noventa minutos de bola rolando apenas mais uma das “atrações” oferecidas ao espectador. Drones que sobrevoam o gramado durante o intervalo, líderes de torcida que se apresentam com coreografias ensaiadas, brincadeiras nos dois telões centrais com o público presente, espaços infantis com monitores antes das partidas, restaurantes, lojas oficiais de artigos do clube, copos personalizados com o jogo do dia, carrinhos de churros gourmets e demais confortos e serviços à disposição dos visitantes em diferentes setores da arena, que tornam o ato de torcer semelhante ao de ir ao cinema ou ao teatro, por exemplo. Cabe citar aqui também a presença ostensiva do *staff* do Allianz Parque, que está localizado estrategicamente em todas as



² Popularmente conhecida por “padrão FIFA”, a regulamentação exigida pela instituição para estádios que sediem eventos oficiais da FIFA está descrita em um documento de 112 páginas disponível em <<https://www.fifa.com/news/stadium-safety-and-security-fifa-tournaments-2261044>>

dependências do estádio para auxiliar e vigiar o público presente. Dessa maneira, de acordo com a lógica de mercado que organiza o espetáculo nas arenas, quanto mais se paga, mais conforto, segurança e atrações disponíveis para usufruto dos espectadores.

Em todo esse cenário de mudanças sociais e estruturais, as práticas torcedoras femininas acionam cada vez mais formas de contornar a repressão no universo do futebol com o passar dos anos. Mesmo com todas as mudanças, a ordem cis-heteronormativa, também vigente no futebol moderno se expressa de diferentes maneiras dentro das dependências das novas arenas. Os telões do Allianz Parque entretinham o público com as “câmeras do beijo” – ou *kiss cam* – que mostravam apenas casais héteros. Já durante o jogo, os telões constantemente voltam suas câmeras para figuras femininas que correspondem aos padrões de beleza impostos às mulheres na sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, em alguns casos, era possível ouvir manifestações machistas dos homens ao redor, como assovios e frases que assediam ou objetificam a mulher exposta.

A presença ostensiva de câmeras e funcionários nas novas arenas as tornam um ambiente muito menos propício para que a ocorrência de ilícitos passe despercebida, inclusive quando partem de atitudes individuais. Podemos, assim, indicar o caráter ambíguo das arenas modernas. De um lado, elas se revelam como a esfera que engloba todos os projetos de elitização e espetacularização do futebol³, reiterando também o papel subalterno atribuído às mulheres torcedoras e demais minorias presentes naqueles espaços. Por outro lado, é necessário destacar que a segurança e o conforto oferecidos atraíram e atraem cada vez mais diversidade aos estádios, ampliando as possibilidades das manifestações do torcer dentre o



³ Ver mais em LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. *Tempo*, v. 24, p. 206-232, 2018.

público presente, e possibilitando a identificação imediata de deflagradores de ações sexistas, racistas, xenofóbicas, trans-homofóbicas etc.

Muitos clubes, inclusive o Palmeiras, vêm intensificando suas campanhas e punições para prevenir importunações e assédios sexuais às torcedoras. A luta das mulheres para além do universo do futebol relaciona-se diretamente com o crescimento do público feminino nos estádios. Com a construção das novas arenas e a modernização dos espaços ocupados pelos torcedores, modifica-se o perfil sociológico - e principalmente socioeconômico - das mulheres que ocupam as arquibancadas alviverdes. Os processos de exclusão econômico-jurídica e de criminalização do torcer através da conversão do estádio em uma arena multiuso (LOPES; HOLLANDA, 2018) implicaram também no aumento da presença de mulheres nos jogos, porém é importante frisar que esse novo público feminino que adentra os espaços do torcer é, em sua maioria, branco e de classe média alta, ou seja, com uma condição econômica e social que escancara o fenômeno de elitização do futebol na atualidade (MANDELLI, 2018).

Pensando todas as transformações ocorridas no universo das torcidas⁴ até a realidade das grandes arenas, é evidente que as práticas torcedoras femininas também sofreram profundas transformações. As mulheres se viram excluídas e deslegitimadas como torcedoras tanto pelo *ethos* do guerreiro viril cultuado pelas organizadas nas arquibancadas do final do século XX (FLORENZANO, 2019), quanto pelo discurso de que a mulher é mera acompanhante de seus filhos, pais e maridos torcedores no ambiente pacífico e seguro das arenas modernas. A história das práticas torcedoras femininas é uma história calcada pela disputa por espaço e reconhecimento em um ambiente masculinizado e machista (PINTO, 2017). O que vemos hoje é a luta pela conquista de confiança, liberdade e autonomia plena das mulheres para praticarem suas manifestações do torcer.

⁴ Ver Vilella, 2021, cap. 1, p. 14 a 27.



A dissertação *Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso* de Mariana Mandelli (2018) estuda as transformações que ocorrem no campo destas práticas com a construção de uma arena. Tendo como universo empírico o Allianz Parque, o estudo em questão trouxe luz à importância de incluir os arredores do estádio na pesquisa etnográfica, ampliando e diversificando o campo de observação, bem como a esfera de interação com torcedores e torcedoras. Mandelli, também ela torcedora da Sociedade Esportiva Palmeiras, ao contar sobre como surgiu a ideia da pesquisa, revela como a ida ao estádio era uma coisa destinada aos homens, e que apenas adulta foi pela primeira vez ao estádio, após “muito protelar já que não tinha companhia” (MANDELLI 2018, p.26). Esse relato da pesquisadora evidenciou a questão da marginalização da mulher torcedora e palmeirense, e, apesar de seu trabalho etnográfico ter o recorte de gênero como algo central, ele ofereceu subsídios para compreender como o Allianz Parque interfere na configuração das práticas torcedoras de um dos maiores clubes de futebol do Brasil. De acordo com o antropólogo Luiz Henrique de Toledo, as práticas torcedoras podem ser definidas como as formas do torcer que

residem [nos] modos e comportamentos específicos de se relacionar com o evento futebolístico, que escapam à mera assistência passiva ao jogo (TOLEDO, 2000, p.128). Sendo assim, o ato de torcer se coloca em um universo integrado por outros milhares de indivíduos, coisas, objetos, seres cosmológicos, todos arrebatados e articulados pela arte e artefato do futebol (Ibidem, p.177).

Partindo para um olhar crítico da questão de gênero que se insere na temática das práticas torcedoras, o relato de Mandelli sobre suas vivências



durante o trabalho etnográfico demonstraram as adversidades enfrentadas pelas mulheres que frequentam as arquibancadas não só alviverdes, mas de qualquer estádio de futebol. Mesmo após utilizar uma série de “estratégias” das quais as mulheres torcedoras frequentadoras de arquibancadas estão acostumadas a adotar, como usar sempre a camisa do time e circular apenas em locais conhecidos, o assédio foi uma constante no trabalho da pesquisadora. Como ela relata, as abordagens “misturam machismo e clubismo”.

O mesmo ocorre com outras torcedoras: presenciei cantadas, olhares e comentários bastante agressivos por parte dos homens. No dia 17 de setembro de 2016, em jogo com o Corinthians a arena do adversário pela 26ª rodada do Campeonato Brasileiro, eu estava na Rua Caraíbas entre as centenas de torcedores reunidos para acompanhar o derby nos bares. Na frente de um deles, vi um torcedor tirando sarro de uma garota vestida com o uniforme da Mancha Verde [maior torcida organizada do Palmeiras]: “Você vem aqui pra ver o jogo? Duvido, você vem aqui para dar e fofocar!”. Ela não levou a sério e respondeu dando um “tapinha”, o que me deu a impressão de que já se conheciam. (MANDELLI, 2018 p.131)

O relato etnográfico da autora evidencia a constante deslegitimação da identidade torcedora da mulher, colocando-a como incapaz de pertencer àquele ambiente. Além disso, vale observar que, se a mulher não pertence ao ambiente das arquibancadas como um todo, ela é menos aceita ainda no ambiente ocupado pelas torcidas organizadas, que são o símbolo maior da masculinidade e da violência contida nas formas do torcer. As práticas torcedoras femininas se alocam nesses ambientes masculinizados como um fenômeno também de resistência, questionando valores machistas e patriarcais, intencionalmente ou não.



Em outra ocasião, entrevistando um torcedor organizado de 48 anos, perguntei o que ele achava da arena nova. Além de tecer críticas sobre a elitização dos ingressos, ele afirmou: “Na minha época, futebol não era isso. Não era mulher em estádio, não era levar namoradina para arquibancada. Agora virou isso, mas antes a coisa era quente, era de verdade” (Ibidem, p.132)

A representação evocada pelo integrante da Mancha Alvi Verde nos remete a um imaginário hegemônico, instituído e alimentado pelas torcidas organizadas, universo simbólico dentro do qual a figura feminina surge quase como um estorvo, na melhor das hipóteses, ou como uma ameaça à identidade masculina, viril e agressiva, que se deseja cultivar nas arquibancadas. Com efeito, o entrevistado evoca ainda, em tom nostálgico, uma idade de ouro das organizadas, supostamente caracterizado pela ausência de mulheres, construção questionável posto que as pesquisas na área têm revelado a presença de torcedoras organizadas desde o início do movimentos, no final dos anos 1960. Seja como for, importa ressaltar na entrevista do integrante da Mancha Alvi Verde a percepção da presença feminina nas arquibancadas como fator responsável pela diminuição do clima autêntico de rivalidade e confronto, em benefício de um ambiente apaziguado, habitado por famílias e “namoradinhas”.

O próprio contexto sociocultural da virada do século ampliou as possibilidades da participação social feminina. Os espaços de lazer, entre os quais os relacionados à prática esportiva, foram um dos responsáveis por essa maior presença das mulheres na vida social das cidades. [...] A participação feminina nas arquibancadas era muito valorizada e exaltada, até mesmo porque eram consideradas importantes para garantir o caráter familiar. As mulheres eram



encaradas como torcedoras que embelezavam as competições. [...] As mulheres serviam para “enfeitar” o espetáculo. (BOTELHO, 2019, p.123)

A leitura da dissertação de Mandelli, portanto, assumiu um papel fundamental quando não pude ir a campo realizar a etnografia no Allianz Parque e arredores em dias de jogos. Ela forneceu uma visão mais detalhada e complexa sobre a estrutura do megaevento, do processo de arenização, e do fluxo dos torcedores dentro e fora do estádio, configurando uma circulação de pessoas, práticas e ideias que extravasam os limites comumente delimitados para a etnografia das arenas (MANDELLI, 2018). Deixa entrever, ademais, a constituição de uma territorialidade alviverde no bairro nobre da zona oeste paulistana, onde o clube se instalou oficialmente ainda em 1920.

Fábio Franzini, em seu artigo publicado em 2005 *Futebol é coisa para macho?*, discorre mais precisamente sobre a presença feminina na capital paulista, onde encontra-se o Allianz Parque. Percebemos que, ao contrário da narrativa difundida no universo do futebol, ilustrada pela entrevista do integrante da Mancha Alvi Verde, os espaços do torcer fizeram-se, desde o princípio, espaços de sociabilidade feminina, de forma a colocar as mulheres em contato maior com a sociedade, e com os homens que também frequentavam esses espaços.

Mesmo que descritas como adornos, elas rompiam os limites da sua dita “vida privada” e segundo COUTO (2012) desempenhavam o papel de torcedoras e madrinhas dos clubes participando de bailes realizados pelas agremiações esportivas. (BOTELHO, 2019, p. 122).

Nota-se, portanto, que o saudosismo do torcedor organizado que se opõe à presença de mulheres torcedoras não remete a tempos remotos e originários das torcidas de futebol. Remete ao período de hegemonia das



torcidas organizadas nas arquibancadas dos clubes paulistas, nas décadas de 1980 e 1990, ressaltando-se que mesmo nesse contexto a participação das torcedoras possuía uma significação maior do que comumente se admite (FLORENZANO, 2019).

COLETIVOS FEMININOS NAS ARQUIBANCADAS

Na presente pesquisa, todas as entrevistadas apontaram a construção do Allianz Parque como um avanço importante para o clube. Algumas atribuíram diretamente à estrutura e segurança da nova arena o aumento de mulheres presentes nos estádios. Outras atribuíram tal aumento à eclosão de movimentos feministas e coletivos de mulheres que se juntam para ir aos jogos, como o coletivo VerDonnas, e o coletivo ItalianMinas, ambos fundados por mulheres que participaram das entrevistas da pesquisa, como relatado em uma das entrevistas:

Muitas meninas começaram a frequentar o estádio após a inauguração do Allianz por conta da explosão dos movimentos femininos que aconteceu em 2017, 2018. Teve uma crescente gigantesca de movimentos femininos e outros que já existiam começaram a reaparecer. Então foi uma união de força de movimentos antigos com movimentos novos que atraíram as meninas para o Allianz. A gente tem casos de mulheres no ItalianMinas que nunca tinham ido ao estádio porque tinham medo de ir sozinhas ou porque não tinham uma companhia pra ir ao estádio, e os movimentos trouxeram as meninas pra perto da arquibancada.

Diversos coletivos surgiram na capital paulista nos últimos anos para tornar a experiência do estádio algo mais possível para as mulheres. No geral, os coletivos surgem para proporcionar às mulheres companhia na frequência



aos jogos. Não só por uma questão de segurança, mas porque muitas delas não pertenciam à círculos sociais que envolviam amigos ou familiares dispostos a irem aos jogos dos clubes para qual torcem. É sobre o surgimento dessa enorme quantidade de coletivos que a dona da fala acima se refere ao citar a “explosão dos movimentos femininos que aconteceu em 2017, 2018”. Os coletivos femininos são realmente um fenômeno recente nas arquibancadas do país, tendo a grande maioria dos coletivos mencionados acima surgido após 2017. No quarto capítulo de sua dissertação, Mauricio Pinto (2017) trata sobre o ativismo dos novos “sujeitos-torcedorxs”, trazendo para a pesquisa os coletivos Galo Queer, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre e o Movimento Toda Poderosa Corinthians, que se apresentam como torcidas livres e queer, organizando-se, inicialmente, pelo Facebook.

Além de espaços de exaltação do time “de coração”, essas páginas, criadas por iniciativa de pessoas e grupo, também se constituíram em canais de produção e divulgação de conteúdos com propósito de desnaturalizar as ofensas e violências misógina e homofóbica que são usualmente relegadas as mulheres e as pessoas LGBT, desconstruindo a ideia de que futebol é um reduto exclusivo do homem cisgênero e heterossexual. (PINTO, 2017, p. 73)

O autor coloca o pioneirismo desses grupos, em especial o da Galo Queer, criada em 2013, como inspiração para a criação de outras páginas e coletivos, incluindo os coletivos de torcedoras que surgem em diversas torcidas no país a partir de 2016, ano da criação do Movimento Toda Poderosa Corinthians, um dos primeiros grupos de torcedoras feministas a surgirem no Facebook. Da Galo Queer até os coletivos femininos, é possível afirmar que esses movimentos “buscam para si o reconhecimento como “sujeitos-torcedorxs”, na medida em que usam e combinam a paixão e a torcida pelo time de coração com o ativismo político” (Ibidem, p.76).



Duas torcedoras palmeirenses entrevistadas fazem parte da organização de coletivos de torcedoras: Tainá, do Verdonnas, e Jéssica, do ItalianMinas. Ambas relataram que os coletivos surgiram nas redes sociais e tinham como objetivo desmistificar o ambiente do estádio como reserva masculina e trazer mais mulheres para as arquibancadas, principalmente por meio da formação de um grupo de torcedoras que se reuniam para ir ao estádio juntas, aumentando a sensação de segurança entre elas e proporcionando uma companhia de estádio para aquelas que não tinham com quem assistir aos jogos. O VerDonnas surgiu em 2018, motivado por um episódio de violência no trajeto de ida de um jogo do Palmeiras. Tainá conta que na ocasião, duas torcedoras palmeirenses que estavam dentro de um vagão do metrô foram expulsas “a chutes” por torcedores e torcedoras do Corinthians.

[O ocorrido no metrô] foi amplamente divulgado e a gente ficou indignada. Uma menina no Twitter falou que tínhamos que fazer alguma coisa, algum movimento onde mulheres palmeirenses se juntassem pra ir e voltar do estádio. Aí uma conhecia a outra e foi indo, e nisso juntamos onze meninas num grupo e começamos a fazer brainstorming pro nome, e surgiu a ideia do VerDonnas: “Ver” de Verdão e “Donnas” do italiano donna, que é mulher. O movimento basicamente surgiu numa questão de segurança. E o objetivo era fazer com que mais mulheres se sentissem seguras para frequentar o estádio. E nossa ideia era justamente que se mais mulheres frequentam, mais mulheres vão querer frequentar.

Jéssica conta que o ItalianMinas surgiu em setembro de 2018, na época sendo apenas um grupo comum de WhatsApp, e que a ideia surgiu também no Twitter, assim como o Verdonnas.



Nós vimos a necessidade de algumas meninas que queriam muito frequentar o estádio, mas não tinham companhia, ou tinham medo de ir sozinhas, ou o pai ou o namorado não as levavam. E nós resolvemos nos reunir pra assistir um jogo no Pacaembu, um Palmeiras e Cruzeiro, em setembro de 2018, no qual nós assistimos e vimos o poder que tínhamos em chamar as meninas e trazê-las para o estádio. Nisso, conversamos com a criadora do grupo, que hoje não faz mais parte do administrativo do movimento. E resolvemos tornar o grupo algo maior, em um movimento. E tava naquela febre de movimentos femininos, teve o ocorrido no metrô com a Josi e outra torcedora palmeirense, que elas foram enquadradas dentro do metrô e isso repercutiu muito. a Josi inclusive fazia parte do nosso grupo... E resolvemos tornar o grupo um movimento, e surgiu o nome ItalianMinas, por conta da origem italiana do Palmeiras, e o Minas de meninas, uma gíria que a gente geralmente usa no dia a dia. Começamos indo em jogos do Sub-20, do Brasileiro, da Libertadores, e vimos que foi uma crescente gigantesca, começamos a atrair a atenção de muitas pessoas, como jornalistas, como o Mauro Beting, já fomos na FPF na campanha Elas no Estádio, fomos na TV Palmeiras... E o nosso intuito sempre foi trazer as meninas para dentro da arquibancada, principalmente as que nunca foram.

Além de transitar entre espaços virtual e físico, os coletivos de torcedoras também transitam entre os diversos espaços abertos na internet como redes sociais. O VerDonnas, por exemplo, surgiu no Twitter, mas hoje, conta com grupo de WhatsApp, uma página no Facebook, uma conta no Twitter e um perfil no Instagram, que possui mais de 8.800 seguidores. Os



grupos que se formam no Ciberespaço não necessariamente utilizam apenas uma plataforma de sociabilidade, mas criam seus espaços de sociabilidade pela conjunção de diversas plataformas (STAHLBERG, 2011).

ARQUIBANCADAS VIRTUAIS: TORCEDORAS NAS REDES

Na atualidade, dentre os agrupamentos de torcedores que reivindicam seu direito de torcer, na torcida palmeirense, pode-se mencionar os coletivos Palmeiras Livre, Verdonnas, ItalianMinas e Porcomunas. Em uma perspectiva histórica, pode-se dizer que o advento dos coletivos remonta ao período já mencionado anteriormente da *República dos Torcedores* (FLORENZANO, 2017) caracterizado, dentre outras iniciativas, pela criação das torcidas uniformizadas femininas no futebol paulista, como, por exemplo, a Tufico, do Corinthians⁵.

Com a pandemia e as consequentes medidas restritivas para assegurar o isolamento social, os torcedores se viram impedidos de seguir frequentando os estádios e os demais espaços do torcer coletivo. Diante de tal cenário adverso, comecei a observar as movimentações das torcedoras nas redes sociais. Identificado o fenômeno dos grupos de Facebook e principalmente de WhatsApp, ficou evidente que não só a metodologia do plano de trabalho inicial teria que sofrer alterações, mas também o objeto de estudo, que passou a contemplar tanto torcedoras que frequentavam as arquibancadas regularmente até o início da quarentena, quanto as que nunca tinham ido, ou ido poucas vezes ao longo da vida a um estádio de futebol. O fazer antropológico etnográfico, portanto, deu-se inteiramente por meio da internet.



⁵ Em 1978 um grupo de cem mulheres da zona leste paulistana se reuniu para fundar a Torcida Uniformizada Feminina do Corinthians ou Tufico. Um ano antes, jornais da época já mencionavam vagamente a existência de uma torcida que se autodenominava “As Gaivotas”, composta apenas por mulheres.

A dissertação de Lara Tejada Stahlberg (2011) contempla a existência das mulheres torcedoras nos ambientes virtuais. Sua pesquisa propôs que o estudo dos papéis assumidos pelas mulheres no futebol, como jogadoras, árbitras, jornalistas e torcedoras pode revelar diferentes nuances de um novo espectro de representações formuladas por novos e antigos atores que operam nesse espaço (Ibidem, p.6). No primeiro capítulo de sua dissertação, Stahlberg abordou a questão da sociabilidade virtual das torcedoras através das páginas de Orkut, demonstrando que mesmo antes do advento dos coletivos de torcedoras, as mulheres já transitavam entre o mundo virtual e os espaços físicos do torcer. A pesquisadora utilizou-se das redes sociais para acompanhar as torcedoras e encontrar alguns dos informantes com os quais realizou entrevistas. Essa abordagem por meio das redes foi a mesma que utilizei, buscando através de páginas de Instagram e grupos de WhatsApp e Facebook me aproximar de torcedoras ou coletivos de torcedoras com as quais eu pudesse realizar entrevistas para um estudo.

Logo nos primeiros meses após a retomada dos jogos, interrompidos em março de 2020⁶, uma série de grupos compostos apenas por torcedoras começaram a se formar ou a se expandir no Facebook e WhatsApp. Foi neste contexto que entrei no meu primeiro grupo de WhatsApp de torcedoras palmeirenses, o “SEP das Minas”. Em agosto de 2021, o grupo contava com 95 mulheres, e se mantém constantemente aberto para o ingresso de mais torcedoras.

Em entrevista, Bruna Brossa, criadora do SEP das Minas, ao ser perguntada se qualquer torcedora pode entrar para o grupo, disse:

Importa a posição política e o posicionamento acerca de temas polêmicos, porque, querendo ou não, [o grupo é] de meninas que são mais de esquerda, e que são contra machismo, homofobia, coisas que num



⁶ <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/03/15/cbf-suspende-competicoes-nacionais-por-tempo-indeterminado.htm>> Acesso em 01/03/2021

ambiente de futebol possam ter. Então a resposta é qualquer pessoa que seja aberta a seguir as regras do grupo no sentido de aceitar uma boa convivência, não ter opiniões que contrariam o que o grupo acredita, não ferir o próximo[...].

Nestes grupos exclusivos para torcedoras, os momentos de maior fluxo de mensagens, e conseqüentemente com mais interações, ocorrem durante os jogos. Independentemente de estarem assistindo simultaneamente aos jogos ou não, seja no computador ou na televisão, elas comentam e conversam umas com as outras sobre os lances, jogadores, esquemas táticos, e demais assuntos relacionados à partida, aos clubes ou ao campeonato. Algumas, nesses grupos, parecem que já se conhecem fora do ambiente virtual, pois geralmente são as que mais interagem. Mas, em momentos de bola rolando, todas se sentem livres para escrever o que quiserem, e conversar como se já se conhecessem, mesmo não sendo o caso da maioria.

Durante a partida final disputada entre Palmeiras e Santos da Copa Libertadores de 2020, aos noventa e oito minutos do jogo, quando o gol do título explodiu nas redes do Maracanã, palco da final do torneio, dezenas de mensagens enviadas simultaneamente em caixa alta “gritando” gol inundaram o grupo. A sensação era que estavam todas em um mesmo lugar, comemorando e gritando juntas o título sonhado. Durante todo o período de observação participante nos grupos de WhatsApp, estes se mostraram verdadeiras arquibancadas virtuais. Nestas arquibancadas virtuais, havia 3 tipos de torcedoras presentes: as que, antes da pandemia, frequentavam os jogos de seus times, indo mensalmente, semanalmente ou a todos os jogos; as que já haviam ido ao estádio, mas não o frequentavam, tendo assistido a jogos presencialmente poucas vezes na vida; e as que nunca haviam ido a um estádio, sendo este grupo de torcedoras uma pequena minoria nos grupos em que estive.



As arquibancadas virtuais proporcionam às torcedoras a experiência de acompanhar os jogos em meio a uma torcida, onde as participantes dos grupos podem expressar sua empolgação, indignação, suas opiniões referentes ao jogo e à escalação do time, à atuação do juiz da partida, dos jogadores, treinadores e demais elementos presentes em um jogo de futebol. Isso ocorre porque os momentos de maior interação se dão enquanto as participantes assistem aos jogos de seus times pela televisão ou canais de transmissão na internet. Tudo passa pelo grupo, e pude notar que muitas torcedoras que não conseguem assistir aos jogos por estarem trabalhando, estudando ou por não conseguirem acessar algum canal de transmissão do jogo do dia, conseguem acompanhar o time pelos comentários daquelas que estão a assistir aos jogos e interagir no grupo. Às vezes, surgem perguntas como “como está o jogo?” ou “quanto está o jogo?” ou “quem está no banco?” etc. Em momentos de jogos mais decisivos ou importantes, como na fase de mata-mata da Copa Libertadores de 2020, o grupo SEP das Minas, por exemplo, contou com mais de 450 mensagens enviadas em um intervalo de tempo de aproximadamente 20 minutos.

No Facebook, o “Futebol das Minas” foi o principal grupo sobre futebol para mulheres criado durante a pandemia e onde consegui o link para participar do “SEP das Minas”. Esse grupo incluía torcedoras de todos os clubes. Por meio dele, também, entrei no União Feminina de Arquibancada, ou UFDA, aberto a torcedoras de qualquer clube, e que contava, em agosto de 2021, com 110 participantes. A quantidade de participantes nesses grupos é volátil, com entradas e saídas a constantes. Em relação à rivalidade e ao clubismo, observei que as integrantes dos grupos em que estive, sejam dos grupos apenas de torcedoras palmeirenses, sejam de torcedoras de diversos clubes, buscam intensamente uma unidade entre mulheres, criando laços e estabelecendo relações de parceria e amizade. Antes da pandemia, muitos destes grupos, como o SEP das Minas, já existiam. E o intuito em todos os



grupos que participei e que observei as interações das participantes era encontrar em outras mulheres uma companhia para assuntos e para jogos de futebol. Bruna, criadora do SEP das Minas, conta que o grupo surgiu da vontade de conhecer outras mulheres palmeirenses e criar amizades.

Eu tava no estádio com a minha amiga, em 2017. A gente era muito palmeirense, e eu falei: “vou criar um grupo com as minhas amigas palmeirenses” aí a coloquei e outras duas amigas. E começamos a chamar uma galera, foi no boca a boca. Aí eu divulguei em [páginas e grupos de Facebook e Instagram] e entrou uma galera também. Cresceu muito pra ser esse ambiente só pra mulheres falarem do Palmeiras e de futebol, porque não tinha, né? Então a gente não falava porque não tinha. Aí eu criei o grupo nesse sentido mesmo: pra gente poder falar de futebol.

De acordo com Manuel Castells (2017), no século XXI surgem novas configurações das práticas sociais influenciadas pelo advento dos espaços virtuais. As redes apresentam-se como vetores fundamentais de movimentos de resistência, e de mudanças sociais. Pensando, assim, as práticas torcedoras femininas antes mesmo da quarentena, e de todo o distanciamento social, já existiam de maneira a situar-se nesse espaço híbrido, entre o torcer das arquibancadas físicas que hoje incluem registros multimídia, compra de ingressos online, interações entre torcedores e torcidas nas páginas oficiais de cada clube nas redes sociais etc. Em sua análise, o autor apresenta as características globais dos novos movimentos sociais com base em suas próprias experiências como ativista e em relatos coletados em suas pesquisas. A reflexão gira em torno do novo espaço de autonomia e o papel fundamental das redes sociais e da internet na sociedade atual, com foco nas indignações e demandas características da onda de movimentos em rede que ganharam expressão a partir de 2010 no



mundo. O espaço dos movimentos sociais em rede é um espaço híbrido, de fluidez entre o online e off-line. O que vemos ocorrer hoje em escala global é, portanto, a formação de um espaço híbrido.

O fenômeno dos coletivos de torcedores surgidos nas redes sociais (PINTO, 2017), e o que ocorreu no cenário pandêmico de 2020 com a popularização dos grupos femininos, demonstram que o conceito do espaço híbrido de Castells (2017) para descrever a presença e articulação de movimentos sociais nas redes relaciona-se com o fenômeno das arquibancadas virtuais, a partir do momento em que compreendemos que, para as mulheres que ocuparam as redes com suas práticas torcedoras, os espaços virtuais dão a possibilidade da criação de um ambiente voltado ao exercício do torcer onde elas não serão silenciadas, excluídas ou até mesmo vítimas de violência. Foram nas redes que essa nova possibilidade do torcer sem temer se concretizou e, dessa forma, a solidariedade entre as mulheres se fortificou pela aproximação direta desses indivíduos atuando como torcedores, discutindo questões tanto sociais como simplesmente futebolísticas. A vivência nos estádios não se anula, uma vez que as práticas torcedoras nas redes são, dentro ou fora do contexto pandêmico atual, certa extensão da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se inseriu no universo dos estudos sobre futebol e gênero, analisando também os impactos dos fenômenos decorrentes de uma sociedade machista na vida de torcedoras das arquibancadas palmeirenses. A partir dela, ficou evidente que as mulheres têm ampliado suas conquistas no campo das práticas torcedoras, e que muitas das mudanças que lá ocorreram na última década beneficiaram a entrada de grupos



historicamente excluídos pela ordem cis-heteronormativa vigente no mundo do futebol.

As formas do torcer femininas constituem-se de um conjunto de práticas que misturam a paixão pelo clube e pelo futebol com a união entre mulheres e diversas formas de resistir ao sexismo presente no universo do futebol e das arquibancadas. Além disso, mostrou-se evidente o aumento da presença feminina nos estádios, cujo entendimento se faz fundamental para compreender quais os elementos envolvidos em uma arena moderna que trazem maior sensação de segurança e/ou pertencimento às mulheres nos espaços do torcer. Faz-se importante destacar o caráter ambíguo das arenas modernas, que reforçam, em diversos momentos, os papéis subalternos atribuídos às mulheres, como o de embelezar ou pacificar o ambiente esportivo, mas que representaram, também, para o público torcedor feminino, diversos avanços no campo da segurança e da conquista de autonomia para frequentarem os jogos, como a presença ostensiva de funcionários e funcionárias nos arredores e nas dependências do estádio e como a possibilidade da compra de ingressos online.

Em 2022, após a conclusão da pesquisa e do retorno de 100% do público torcedor aos estádios, pude observar algumas mudanças que ocorreram e vêm se concretizando no Allianz Parque, como o fim da *kiss cam*, dos drones temáticos dos patrocinadores e das apresentações do time de *cheerleaders* durante os jogos, e como recente crise no sistema de compra de ingressos pelo sócio Avanti, que tem gerado certo caos no momento da chegada dos torcedores aos seus lugares marcados, pois muitos compram ingressos de terceiros – na maioria das vezes, cambistas –, não sendo eles mesmos sócios-torcedores e não adquirindo os ingressos com atenção à localização dos assentos no estádio. Presenciei brigas entre torcedores, inclusive com episódios de violência física, porque o torcedor que estava ocupando um lugar que, de acordo com o sistema de venda de ingresso, não



é o seu, se recusava a sair após a chegada do dono do assento. Muitos tentam resolver por intermédio dos funcionários da arena, mas muitos também partem para abordagens violentas, e um caso em particular evidenciou possíveis novas formas de exclusão de mulheres nas arquibancadas do Allianz Parque, pois, em uma destas brigas, um torcedor que estava ocupando o lugar adquirido por um casal – composto por um homem e uma mulher – no momento da compra dos ingressos, aumentou o tom de voz de maneira muito agressiva com a mulher, colocando o dedo próximo ao rosto dela de forma a diminuí-la e ameaçá-la. Após enfrentar a reação imediata da torcedora, ele foi expulso a gritos pelos demais, enquanto tentava voltar para bater no casal, dizendo que ia esperá-los lá fora, ameaçando-os. No jogo seguinte, conversei com a torcedora envolvida que me disse que “ficou tudo bem”, pois ninguém veio “cobrá-los lá fora”. Desde aquele dia, em todos os jogos que encontrei esta torcedora naquele mesmo setor, ela estava usando uma camisa oficial com o nome de Bia Zaneratto⁷.

Por fim, faz-se importante reafirmar que não é o foco, aqui, aprofundar a discussão sobre o caráter ambíguo das arenas modernas. Talvez, se a pesquisa tivesse ocorrido em um cenário normal – sem pandemia – esta questão poderia ter sido mais bem contemplada em uma etnografia das práticas torcedoras de mulheres no Allianz Parque, explorando seus diferentes setores e compreendendo onde e como as mulheres estão presentes dentro da arena. O que é importante deixar salientado, é que esta pesquisa não se propôs a julgar se as arenas modernas são melhores ou piores para as mulheres. Buscou-se, de fato, entender como elas se enxergam e se reconhecem nos diferentes espaços do torcer, sejam eles compostos por assentos marcados e acolchoados, arquibancadas de cimento descobertas ou grupos em redes sociais.



⁷ Principal nome do elenco feminino do Palmeiras, Bia Zaneratto foi capitã da equipe que conquistou o primeiro título alviverde da Copa Libertadores da América de Futebol Feminino, em 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Leide. **A presença das torcedoras nas arquibancadas dos estádios de futebol na capital mineira.** In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues, BRAINER, Larissa, JANUARIO, Soraya Barreto. (Orgs). *Elas e o futebol.* João Pessoa: Editora Xeroca, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução: Renato Aguiar, Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 2020.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

FLORENZANO, José Paulo. **República dos torcedores.** *Ludopédio*, São Paulo, v. 96, n. 8, 2017.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** *Rev. Bras. Hist.* vol.25 no.50 São Paulo July/Dec. 2005.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; LOPES, Felipe. **“Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo.** *Tempo*, Niterói, v. 24, n. 2, p. 206-232, mai./ago. 2018.

MANDELLI, Mariana Carolina. **Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso.** Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2018.



PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol.** 2017. 126p. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2018.

RAMPAZZO, Gil Fevorini: ARENA CORINTHIANS: **Práticas Torcedoras e o processo de arenização.** Trabalho de Iniciação Científica. Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol.** Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol,** Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de; CAMARGO, Wagner Xavier de. **Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol.** FuLIA/UFMG, v. 3, n.3. Minas Gerais, 2018.

VILELLA, Maria Luiza: **Práticas do torcer feminino: processos de construção da identidade torcedora de mulheres frequentadoras do Allianz Parque.** Trabalho de Iniciação Científica. Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.

Recebido em: 09/11/2022

Aprovado em: 23/03/2023

